

# “Incerteza prejudica investimento de longo prazo”

O professor Marco Bonomo, da Fundação Getúlio Vargas, avalia que a política macroeconômica tem sido a parte mais competente da política econômica do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, tendo o ministro Antonio Palocci e sua equipe como as principais âncoras. Ele elogia o controle da inflação e os superávits fiscais. Mas o grande desafio, reforça, será construir um ambiente favorável ao crescimento sustentável.

— As incertezas macroeconômicas não estão totalmente resolvidas. Qualquer crise política no governo, alguém fala em Plano B, o que implicaria a substituição do ministro Palocci e uma mudança radical da política econômica. Esta incerteza é um dos grandes entraves ao investimento de longo prazo.

Recém-chegado dos Estados Unidos, onde passou um ano sabático na Universidade de Princeton (junto ao renomado professor brasileiro José Alexandre Scheinkman), Bonomo comemora os bons resultados de vários indicadores recentes. Lembra que o controle da inflação é uma vitória que não deve ser, de forma alguma, questionada; cita a queda do risco Brasil em quase 2 mil pontos e a segurança dada pelo superávit fiscal.

— São conquistas, sem dúvida. Isso ninguém questiona.

Se o crescimento no passado recente foi mediocre, lembra o professor da FGV, houve motivos suficientes para justificar esta performance. Um deles, cita, foi o problema do câmbio fixo, com efeitos nas exportações, importações, reservas e na demanda interna. Outro foco foi a dívida interna e sua



*“As incertezas macroeconômicas não estão totalmente resolvidas, o que é um entrave”*

sustentabilidade: volta e meia surgia alguma proposta de renegociação da dívida. Por isso, frisa Bonomo, o sinal dado pelo aumento do superávit foi tão importante.

E que políticas poderão acelerar mais o crescimento? O professor da FGV avalia propostas que estão em discussão no meio acadêmico: a possibilidade de superávits menores; a redução mais rápida da taxa de juros, levando em conta que o Banco Central estaria sendo conservador na atual política e poderia aceitar um pouco mais de inflação, elevando para cerca de 10% a meta anual. Com argumentos consistentes, Bonomo destrói uma a uma as propostas alternativas.

O economista alerta que um diagnóstico falso, baixando os juros bruscamente “pode ser desastroso”, levando à aceleração inflacionária, arriscando todos os ganhos até agora. Ele reforça ainda a importância da atual política de superávits fiscais e adverte para os riscos de um pouco mais de inflação, como alguns defendem.

— Se mais inflação gerasse permanente crescimento do produto, deveríamos ter tido um crescimento extraordinário nos 15 anos que antecederam o Plano Real.

Uma única discordância da atual política econômica foi apresentada por Bonomo, em relação às metas de inflação anunciadas para os próximos dois anos.

— O que me chama a atenção é a manutenção da mesma meta de inflação de 4,5% para 2005 e também para 2006.

O professor da FGV alerta que isso pode sinalizar que estamos satisfeitos com uma inflação de 4,5% ao ano e que este seria o objetivo de longo prazo.

— Deveríamos perseguir uma meta menor do que 4,5% no longo prazo. Mas para continuarmos no caminho da redução gradual da inflação, a meta para 2006 deveria ser menor do que a meta de 2005.